

## *Crônicas da insólita fortuna*

## *Crônicas da insólita fortuna*

Luiz Guilherme Santos Neves\*

**A**bro<sup>1</sup> aspas:  
“– Eu te saúdo, grande Arquimedes!

Arquimedes levantou os olhos do quadro de cera sobre o qual desenhava, e perguntou:

– O que foi?

– Arquimedes – disse Lucius – sabemos muito bem que sem as tuas máquinas de guerra os siracusanos não resistiriam um mês sequer; mas, graças as tuas máquinas, tivemos de enfrentá-los durante dois anos. Não penses que nós, soldados, não levamos isso em consideração. São máquinas excelentes. Meus parabéns!

---

\* Historiador, docente aposentado do Departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo, e escritor.

<sup>1</sup> Palestra introdutória ao debate desenvolvido na Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo, em 31 de outubro de 2012, em Vitória.

Arquimedes fez um gesto com a mão. - Por favor, isso não é nada. São mecanismos comuns para lançar petardos. Sob o ponto de vista científico, não têm nenhum valor...

– Mas sob o ponto de vista militar, têm – disse Lucius. – Escuta, Arquimedes: eu vim pedir que trabalhes para nós.

– Nós quem?

– Para nós, romanos. Deves reconhecer que Cartago está em declínio. Qual é a vantagem de ajudá-los? Sabes muito bem que os siracusanos poderiam ficar do nosso lado, todos eles.

– Nós siracusanos somos gregos. Por que nos juntaríamos aos romanos? – perguntou Arquimedes.

– Por que Siracusa fica na Sicília e nós precisamos da Sicília! – disse Lucius.

– E para que os romanos precisam da Sicília?

– Porque queremos ser senhores do Mediterrâneo!

– Ahã! – exclamou Arquimedes – e ficou pensativo diante do seu quadro de cera.

– E por que os romanos querem isso?

– Porque qualquer um que domine o Mediterrâneo haverá de dominar o mundo. É óbvio – observou Lucius.

– E os romanos têm por acaso a obrigação de dominar o mundo?

– Sim. A missão de Roma é tornar-se senhora do mundo. E posso dizer que é exatamente isso que Roma vai ser.

– É possível – disse Arquimedes, apagando alguma coisa no quadro. – Mas eu não trabalharei para os romanos. Dominar o mundo vai dar um trabalho dos diabos...”

Fecho aspas.

Início minha participação no debate-papo desta noite, sobre os autores publicados em *A Gazeta*, no projeto *Nossolivro*, versão 2012, pela leitura que acabei de fazer de um recorte do texto “A morte de Arquimedes”, da obra *Histórias Apócrifas*, do escritor checo Karel Tchépek (1890-1938), em tradução para o português de Aleksander Jovanovic, (Rio, Editora 34, 1994), na qual introduzi pequenas alterações para conseguir melhor sonoridade expositiva.

E por que recorri ao que foi lido?

Porque rememorando as motivações que me levaram a escrever o conjunto de textos que deram origem ao livro *Crônicas da Insólita Fortuna*, editado pela primeira vez em 1998, na coleção Almeida Cousin, do IHGES, republicado em separata no jornal *A Gazeta*, de 16 de outubro de 2012, fui parar nas *Histórias Apócrifas*, do escritor checo, que têm por temática, figuras da História. Foi ao travar conhecimento com os textos desse autor, marcados por fina ironia, que me deixei seduzir pela idéia de fazer algo semelhante (claro que jamais igual em qualidade literária ao que fez o autor checo, por me faltar coturno para tanto), mas, no meu caso, trabalhando literariamente algumas figuras da história do Espírito Santo.

Fixado este ponto de partida, que foi para mim, em termos de criação literária, um indispensável ponto de apoio, lancei-me à empreitada. E não se tratava

apenas de selecionar os personagens para as crônicas, e ficcionar com eles e em torno deles.

Fez-se necessária uma tarefa a mais, que implicou pesquisar os nomes escolhidos para além das informações, às vezes raquíticas, outras vezes discutíveis, encontráveis na historiografia capixaba. Fontes várias foram então consultadas permitindo o levantamento de um quadro circunstancial em relação aos protagonistas que compuseram as minhas crônicas, de forma a enquadrá-los adequadamente na ambientação histórica do tempo em que viveram – o que foi outro objetivo por mim perseguido, inclusive na elaboração dos diálogos travados em cada situação considerada.

Das figuras eleitas algumas são tidas – para usar de um chavão meramente ilustrativo –, por personagens maiores de nossa história, como Luiza Grimaldi, Maria Ortiz e Duarte de Lemos; outras, nem tanto, como Ana Vaz ou Fabiano de Lucena; e outras ainda se viram por mim fígadas ao quase obscurantismo da história. Este foi o caso do botocudo Firmiano, mencionado por Augusto de Saint-Hilaire como pivô de um entrevero armado pela população de Benevente quando o ilustre francês passou por aquela localidade, em 1818, e o botocudo que o acompanhava foi coberto de ameaças e impropérios.

Seja como for, todas as personagens que se converteram em crônicas nas minhas *Crônicas da Insólita Fortuna* tiveram existência real, não se tratando de figurações saídas da minha cartola de escritor. Constituíram, assim, vinte e uma cordas musicais em que dedilhei meus textos de pura ficção, ainda que calcados em dados históricos. (Na verdade, o escrito sobre Pedro Bueno Cacunda havia sido publicado em um dos números da revista *Você*, da Ufes, muito antes que eu pensasse em produzir o conjunto das *Crônicas da Insólita Fortuna*, a que foi acrescentada).

E confesso que a tal ponto me levou o processo de invencionar com todos esses personagens que eu mesmo chego às vezes a me confundir com o que, a respeito deles, é história ou ficção.

Num debate-papo como este, em que entendo que os autores presentes têm a oportunidade de comentar o processo de criação dos textos publicados em *A Gazeta*, achei por bem fazer a abordagem que fiz, embora ignore sua possível prestação ou aproveitamento.

Para finalizar, desejo ler o conteúdo do e-mail que enviei ao jornal *A Gazeta*, publicado na “Coluna do Leitor” do dia seguinte ao em que as crônicas foram divulgadas, no qual externei minha opinião, que agora repito: Considero o Projeto *Nossolivro*, de *A Gazeta*, realizado com o apoio do Governo do Estado (Secretaria de Educação e da Cultura), e do Instituto Sincades, excelente iniciativa para a divulgação junto ao grande público e aos estudantes capixabas da literatura que se faz no Espírito Santo. Repete-se, vinte anos depois, uma experiência exitosa lançada pela primeira vez nas páginas de *A Gazeta*. Faço votos para que o projeto tenha vida longa, repetindo-se com mais escritores e obras que o *Nossolivro* tem condição de divulgar em dimensão midiática. Para mim foi um privilégio ter um livro de minha autoria escolhido para figurar, ao lado de outros autores, na coleção que populariza a nossa literatura, contando com a participação de ilustradores de estilo personalíssimo nas artes plásticas e no cartum.